



Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba S/A

Documento Reivindicatório

Proposição da EMEPA-PB Junto ao Banco do Nordeste do Brasil Objetivando o Financiamento da Produção de Banana do Projeto de Irrigação das Várzeas de Sousa em Lotes Livres da Sigatoka-Negra



**Sousa
Estado da Paraíba
Dezembro, 2008**

Documento Reivindicatório

Proposição da EMEPA-PB Junto ao Banco do Nordeste do Brasil Objetivando o Financiamento da Produção de Banana do Projeto de Irrigação das Várzeas de Sousa em Lotes Livres da Sigatoka-Negra

**Edson Batista Lopes¹
Ivanildo Cavalcanti de Albuquerque²**

¹Engenheiro Agrônomo, Dr. Pesquisador da EMBRAPA/EMEPA-PB. Estação Experimental de Lagoa Seca. Lagoa Seca - PB. 58.117 - 000. E - Mail: edsonbatlopes@uol.com.br

²Engenheiro Agrônomo, Pesquisador da EMEPA-PB. Estação Experimental de Lagoa Seca. Lagoa Seca - PB. 58.117 - 000. E - Mail: ivanildocalbuquerque@ig.com.br

1. Introdução

No Brasil, a bananeira é encontrada em todos os estados brasileiros, destacando-se, na produção, os do Nordeste e do Sudeste. Em 2006, o País colheu 504.586 hectares, produziu 6.956.179 toneladas, teve um rendimento médio de 13. 785 kg/ha e valor da produção de R\$ 2.710.981,00 (IBGE, 2006). Na Paraíba a área cultivada com bananeiras foi de 17.197 mil hectares, com produtividade de 15,3 quilos/hectare. A estimativa de produção anual foi de 264.638 mil toneladas das variedades ‘Pacovan’, ‘Prata’, ‘Comprida’, ‘Maçã’ e aquelas do Grupo Cavendish ou Casca Verde (‘Nanica’ e ‘Nanicão’). O valor da produção foi R\$ 97.644.000,00 (IBGE, 2006). A cadeia produtiva da banana no Estado gerou 82. 230 empregos diretos 164.460 indiretos. Com pouca diferença das propriedades químicas de uma variedade para outra, sua composição básica é de potássio, ferro, sódio, magnésio e as vitaminas A, C, B1, B2, B5.

Os maiores problemas de cultivo da bananeira no Brasil são a falta de variedades comerciais produtivas, com porte adequado e resistência multipla às principais doenças, aos nematóides e às pragas, além do manejo inadequado do sistema solo - água - planta. As doenças como o Mal-do-Panamá (*Fusarium oxysporum* f. sp. *cubense* (E.F. Smith) Sn e Hansen), a Sigatoka-amarela (*Mycosphaerella musicola*, Leach) e o Moko (*Ralstonia solanacearum* Smith), que já prejudicam o cultivo substancialmente, existe agora a Sigatoka – negra (*Mycosphaerella fijiensis*), recentemente introduzida no País, que vem causando danos expressivos à bananicultura nacional. Uma das estratégias para a solução dos problemas mencionados é a criação de novas variedades resistentes a doenças, nematóides e pragas, mediante o melhoramento genético que possibilita a obtenção de híbridos superiores.

No Nordeste, onde são produzidos 34% de toda a banana do País, a fruta é uma das mais consumidas. Ela é estratégica, pois é um dos componentes básicos da alimentação de todas as camadas da população. Apesar dessa importância e do potencial de produção dessa fruteira, principalmente em sistemas irrigados, tem-se observado redução na maioria dos índices de produção.

Existem atualmente duas formas de Sigatoka que causam lesões nas folhas das bananeiras: a Sigatoka-amarela e a Sigatoka-negra. Em 1998, a Sigatoka-negra foi constatada na região de fronteira do Estado do Amazonas com a Colômbia e o Perú, nos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant e Coari, sendo rapidamente, disseminada por todo o Estado do Amazonas e para os Estados do Pará, Rondônia, Acre, Mato Grosso, Roraima, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro. A recente notificação da doença em Janaúba, Minas Gerais,

evidencia a possibilidade da doença atingir as zonas produtoras de banana da região Nordeste, tornando-se uma séria ameaça à bananicultura nordestina.

No tocante aos tipos de bananeiras cultivadas na Paraíba, 97% são do tipo mesa, encabeçada pelas cultivares ‘pacovan’, ‘prata-comum’, ‘comprida’ e ‘maçã’. Os 3% restantes são cultivares destinadas às indústrias como ‘nanica’, ‘nanicão’ e ‘grand naine.’ Todas essas cultivares são suscetíveis à Sigatoka-amarela e Sigatoka-negra. Diante do exposto, caso a Sigatoka-negra venha a se estabelecer nas zonas produtoras de banana da Paraíba, todas elas sucumbirão em pequeno espaço de tempo. Isto acontecendo, uma crise sócio-econômica sem precedente irá ocorrer, já que o cultivo da bananeira gera quatro empregos diretos/hectare, durante os 12 meses do ano.

O objetivo deste documento é apresentar proposições para a solução do impasse do financiamento da banana pelo Banco do Nordeste do Brasil-BNB em áreas livres de Sigatoka - negra nos lotes do Projeto das Várzeas de Sousa.

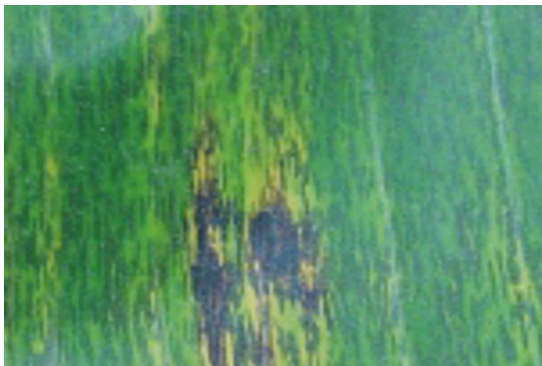
2. Antecedentes

Originário da Ilhas Fiji (no Pacífico), o fungo da Sigatoka-negra foi identificado em 1998, nos municípios amazonenses de Benjamin Constant e Tabatinga, de onde se espalhou para a maioria dos estados brasileiros exceto os do Nordeste.

Para caracterização de área livre da Sigatoka Negra, o Estado da Paraíba teve que cumprir várias exigências estabelecidas pelo MAPA, entre as quais, descrever a situação da cultura da banana (área plantada, variedades cultivadas, estimativa de produção, destino da produção, etc); apresentar, em mapa cartográfico, as rotas de trânsito de banana no estado; e elaborar mapa geo-referenciado, identificando áreas de produção comercial e focos de ocorrência da praga. Antes da Paraíba, Pernambuco, Bahia e Goiás já haviam sido declarados como livres da praga pelo MAPA.

O Diário Oficial da União publicou a Instrução Normativa nº 48 (Anexa), assinada pelo secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Gabriel Alves Maciel, que reconhece o Estado da Paraíba como área livre da praga Sigatoka - negra. O fungo da Sigatoka - negra (*M. fijiensis*) ataca plantas de bananeiras. Embora inócua para o ser humano, a praga, de fácil disseminação, é economicamente devastadora. Com a publicação da instrução normativa, fica liberado o trânsito de plantas e partes de plantas de bananeira e hilocônias (da mesma família das bananeiras, plantas ornamentais consideradas flores tropicais e exportadas para outros países) para qualquer estado brasileiro, sem maiores restrições.

A entrada da Sigatoka-negra no Estado da Paraíba seria o caos social e econômico. Teria como efeito imediato o aumento significativo no custo de produção, uma vez que o seu controle é até sete vezes mais dispendioso que o da Sigatoka-amarela. A doença reduz a produtividade das bananeiras, podendo chegar a até 100%, além de provocar a maturação precoce da fruta, afetando a sua qualidade. Considerando-se que mais de 90% da produção de banana da Paraíba é originada de pequenas propriedades, a maioria de base familiar, e que o plantio é feito em áreas acidentadas (exceto nas Várzeas de Sousa), que inviabilizam o controle químico tradicional, a Sigatoka-negra adquire grande importância social e econômica para as regiões produtoras.



Sintoma inicial da Sigatoka-negra.



Sintoma avançado da Sigatoka-negra.

3. Justificativa

Por determinação do Senhor Presidente da EMEPA-PB, Miguel Barreiro Neto e solicitação do Deputado Francisco de Assis Quintans, realizou-se no dez de dezembro do ano em curso, no Escritório do SEBRAE-Sousa, uma Reunião Técnica objetivando discutir proposições para o impasse do financiamento da produção de banana nos lotes do Projeto de Irrigação do Projeto de Irrigação Várzeas de Sousa. Estiveram presentes 28 pessoas dos diversos órgãos da região à saber: EMEPA-PB (Executora do Evento), EMATER - Regional de Sousa (Coordenadora do Evento), EMATER - Regional de Cajazeiras, BNB (Fortaleza), BNB - Sousa, Banco do Brasil-Sousa e Presidentes de Cooperativas das Várzeas de Sousa..

O Projeto de Irrigação Várzeas de Sousa está inserido no Programa de Desenvolvimento da Agricultura Irrigada financiado com recursos do Governo Federal. O Projeto está sendo implantado dentro de uma parceria entre o Governo Federal, através do Ministério da Integração Nacional, e o Governo do Estado da Paraíba. Foi lançado pelo Governo do Estado da Paraíba em 1998, visando promover o desenvolvimento da região oeste do Estado situado entre os Municípios de Sousa e Aparecida. Tem por objetivo o aproveitamento hidro-agrícola em uma área de 5.100 hectares com a fruticultura (manga,

banana, goiaba, uva, graviola, pinha, cajú, abacaxi, melão, mamão, melancia, maracujá e coco) e outros produtos agrícolas tais como algodão, milho, tomate, feijão macassar, macaxeira e forrageiras.

Uma primeira parte do Projeto Várzeas de Sousa se estende por 973 hectares de várzeas, onde estão instalados 178 trabalhadores rurais, que já trabalham com irrigação há muitos anos. Eles receberam 178 lotes de terras, todos demarcados e divididos pelo INTERPA, com assessoria técnica da EMATER-PB, EMEPA-PB, Secretaria da Agricultura e Secretaria da Infra-Estrutura do Estado. São parceiros do Governo da Paraíba no Projeto das Várzeas de Sousa o Grupo Carrefour, o Banco do Nordeste e a Escola Agrotécnica Federal de Sousa. Como ação de infra-estrutura viária o DER está realizando a terraplanagem das várzeas, para facilitar o escoamento da produção.

Políticos com atuação na região classificaram como a redenção das Várzeas de Sousa a determinação governamental em garantir o funcionamento do projeto de irrigação que vai revolucionar a economia da região. Segundo o Secretário e Deputado Francisco de Assis Quintans, o Projeto Várzeas de Sousa é uma das prioridades determinadas pelo governador Cássio Cunha Lima para o setor agropecuário e todos os esforços estão sendo empreendidos no sentido de que as empresas e os pequenos produtores instalados no perímetro disponham das melhores condições possíveis para produzirem bem e conseguirem bons resultados financeiros. No final de outubro, como exemplo, a Empresa Mocó Agropecuária iniciou a primeira colheita no Perímetro Irrigado das Várzeas de Sousa. Foram 25 toneladas de produtos orgânicos – melão e melancia sem caroço.

Recentemente, produtores que atuam no Projeto Várzeas de Sousa compareceram à Assembléia Legislativa, onde expuseram os primeiros resultados de um projeto que hoje já é realidade. Por outro lado, solicitaram do Ex-Secretário do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca - SEDAP, Deputado Francisco de Assis Quintans, uma solução imediata pelo Banco do Nordeste do Brasil - BNB, que se nega a conceder financiamentos para a produção de banana naquela área, segundo eles.

Apesar de a Paraíba ser considerada área livre da Sigatoka-negra conforme a Instrução Normativa nº 48, de 13 de setembro de 2006, editada pelo MAPA (anexa), o Banco do Nordeste do Brasil - BNB através de seus técnicos entendem que pelas normas da instituição, existe o risco eminente da doença Sigatoka-negra atacar os bananais paraibano e, assim sendo, não financiam a produção de novas áreas com variedades suscetíveis à doença, e somente com mudas de materiais resistentes.



Representantes do BNB, BB, EMATER e EMEPA-PB.



Representantes das Cooperativas BNB e EMATER.



Representantes do BNB e EMEPA - PB em visita a lote irrigado de banana, livre de Sigatoka - amarela nas Várzeas de Sousa



Representantes do BNB e EMATER em visita a lote de irrigado de banana, livre de Sigatoka-amarela nas Várzeas de Sousa.

O clima das Várzeas de Sousa é megatérmico do tipo tropical seco. A média térmica anual é 27°C com temperaturas que variam entre 18° na mínima e 38° na máxima. A umidade relativa do ar se situa entre 45% de setembro a fevereiro. A região é caracterizada por ser de área seca, recebe chuvas com mais frequência nos meses de janeiro a junho. A época mais seca se estende de setembro a dezembro. A média de precipitação anual é de 812.7 mm, com máximas de 730 mm. Esse tipo de clima no tocante à temperatura e umidade relativa, não é ideal para proliferação do fungo da Sigatoka - amarela em bananeira, que requer umidade relativa acima de 70% para germinação dos conídios e proliferar da enfermidade.

Atualmente é uma preocupação de todos os Estados brasileiros, especialmente onde existe uma freqüente e boa distribuição de chuvas, outro fator ambiental importante é a temperatura que favorece a disseminação da doença quando varia de 23°C a 30°C sugerindo uma média ideal de 25°C. Se ocorrer uma umidade relativa do ar em torno de 85 a 100%, sendo a ideal de 95%, aí ocorrerá uma maior severidade da doença.

Tudo isso sugere que os produtores concentrem as suas atenções nos meses de abril a agosto, pois nesses meses em função de uma maior umidade relativa, a doença poderá ocorrer em maiores ataques que inicia a partir da folha mais nova 0(zero) e seqüencialmente nas folhas 1, 2 e 3 e às vezes na folha 4. Da folha 5 em diante praticamente não são mais susceptíveis aos fungos, mas podem soltar esporulações que vão infectar outras plantas numa distância de até 3 quilômetros dependendo das condições de vento e barreiras naturais ou quebra-ventos.

4. Proposições da EMEPA-PB junto ao Banco do Nordeste do Brasil, objetivando a solução do impasse no financiamento da produção de banana em áreas livres de Sigatoka-negra nas Várzeas de Sousa

O grupo liderado pela EMEPA-PB sugeriu algumas proposições para apreciação do Comitê Técnico do Banco do Nordeste, no tocante ao financiamento da produção de banana com as variedades tradicionais e adotou outras providências à saber:

- Organização da produção, tendo a EMATER-PB a responsabilidade das mudanças no âmbito da agregação de valor ao produto, inclusive, a criação de Packing House (Neste Packing House concentra-se o processamento, classificação, embalagem e expedição);
- Financiamento de 80% dos cultivos com variedades locais ('Pacovan,' 'Nanica' e 'Nanicão') e 20% de variedades resistentes (por exemplo 'Pacovan ken,' 'Vitória' ou 'Fhia 18') que, paulatinamente, substituirão as variedades locais. A estimativa da EMATER - Sousa é que serão plantados de 3.000 hectares de bananeira nas Várzeas de Sousa. Considerando os 20% com as variedades resistentes serão necessárias a aquisição de 60 mil mudas, que a preço de R\$ 2,50 somaria a cifra de R\$ 150.000.00 reais;
- Seguro safra seria concedido àqueles cultivos com variedades suscetíveis ('Pacovan,' 'Nanica' e 'Nanicão') objeto de financiamento, que por ventura fossem destruídas pela Sigatoka - negra;
- Aclimação de variedades resistentes: o Coordenador Técnico do FUNDECI, apóia a implantação pela EMEPA-PB de um Matriseiro de Variedades Resistentes visando atender a demanda de uma área posta em perigo à Sigatoka - negra;

- Pesquisa e desenvolvimento- a EMEPA-PB terá o prazo de três (3) anos para pesquisar, aclimatar e difundir nas Várzeas de Sousa, genótipos de bananeira resistentes à Sigatoka – negra, com propósitos do consumo ‘in natura’ e agroindústria.

5. Referencias Bibliográficas

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - Produção Agrícola Municipal. Culturas temporárias e permanentes. Pesq. agric. munic., Rio de Janeiro, v. 33, p.1-133, 2006.

FERREIRA, E.G.; LOPES, E. B.; CAZÉ FILHO, J. (Org.). Produção e processamento de frutas tropicais na agricultura familiar/Edvaldo Galdino Ferreira, Edson Batista Lopes e Jorge Cazé Filho - João Pessoa, PB: EMEPA, 2005.58p.il.(Emepa. Documentos, 48).

LOPES, E. B.; ALBUQUERQUE, I. C.; VASCONCELOS, E. C. Mal - do - Panamá: Doença da Bananeira Diagnosticada na Cv. “Maçã” no Município de Sumé, Cariri Ocidental. Relatório Técnico-Fitossanitário, EMEPA-PB, Agosto, 2004.5p. il.

LOPES, E. B.; ALBUQUERQUE, I. C. Levantamento de Doenças da Bananeira com Ênfase à Sigatoka Negra (*Mycosphaerella fijiensis*, Morelet) Deighton, nos Municípios Produtores de Banana da Paraíba. Relatório Técnico - Fitossanitário, EMEPA - PB, Outubro, 2004.15p. il.